

CORREDOR CULTURAL DO BENFICA: UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA

Autor (Ana Carolina Rodrigues Alves); Orientador (Prof. Dr. João Bosco Feitosa dos Santos)

(Universidade Estadual do Ceará - UECE, carolina-rodrigues.alves@hotmail.com)

Resumo do artigo: O projeto ‘Corredor Cultural do Benfica’ foi uma pesquisa realizada pelo Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Gestão Pública e Desenvolvimento Urbano (GPDU) da Universidade Estadual do Ceará – UECE, patrocinado pela Casa Civil do Governo do Estado do Ceará, em parceria com Centro de Treinamento e Desenvolvimento (CETREDE) e Universidade Federal do Ceará (UFC) entre dezembro de 2016 e maio de 2017. A pesquisa teve o objetivo de realizar mapeamento sociocultural do bairro Benfica em Fortaleza-CE, identificando e categorizando os equipamentos existentes no Bairro, notadamente os de natureza cultural e comercial, que caracterizam a identidade do bairro, bem como traçar um perfil dos seus usuários e compreender a percepção que personalidades do bairro tem acerca da proposta de tornar o Benfica um Corredor Cultural de Fortaleza. A metodologia utilizada, denominada pelo GPDU de “etnografia rua a rua”, consiste em registro por dois pesquisadores que percorrem as ruas do bairro (re) definindo o mapa e registrando tudo o que ali houver, seja estabelecimento formal ou informal, órgão público, equipamento de promoção de cultura, entre outros, ao mesmo tempo em que anotam fatos, sujeitos e outras observações ocorridas no percurso sobre cada rua do local. O segundo momento constou da realização de um estudo amostral com transeuntes, contando com aplicação de questionários em pontos de referência do bairro, visando identificar não só o perfil dos usuários do Benfica, mas, também, sua relação com o bairro. A terceira fase da pesquisa se deu pela realização de entrevistas semiestruturadas com personalidades do bairro, comerciantes antigos e atuais, artistas, representantes de instituições culturais, afim de discutir suas visões e contribuições sobre o projeto cultural pensado para o bairro. Por fim foi realizada uma reunião para apresentação dos dados coletados aos representantes do bairro, momento no qual eles puderam complementar e corrigir alguma informação que consideram importantes. A pesquisa resultou na produção de um caderno do bairro, contendo os indicadores, categorias observadas em campo, e registros históricos e documentais. Possivelmente a Universidade Federal do Ceará transformará em livro o caderno elaborado pelos pesquisadores. Nesse sentido, o presente trabalho apresenta um relato de experiência de uma das pesquisadoras, abordando aspectos referentes à chegada e atuação em campo nas quatro fases do projeto (coleta de informações rua a rua, pesquisa amostral com usuários do bairro, entrevistas com personalidades relacionadas ao Benfica e discussão com a comunidade).

Palavras-chave: Corredor Cultural, Etnografia rua-a-rua, Estudo de bairros.

- Introdução

No curso de Ciências Sociais aprendemos que estar no lugar é sempre mais apropriado para observar e compreender suas contradições e especificidades, um exemplo significativo dessa situação são as pesquisas sobre a área urbana. Vivemos em ruas e avenidas, cruzamos bairros diariamente e tendemos a naturalizar suas características, histórias, e como suas delimitações se configuraram. Nesse sentido, impõe-se a importância de pesquisa sobre e na cidade. O projeto de pesquisa sobre o Corredor Cultural do bairro Benfica consistiu em identificar e mapear todos os equipamentos das ruas do bairro, notadamente os de natureza cultural e comercial, importantes para sua caracterização como corredor cultural de Fortaleza. A pesquisa envolveu, também, a identificação e interação com personalidades envolvidas em ações de promoção da cultura e identidade local ao mesmo tempo em que era coletada opiniões de moradores e transeuntes sobre a ideia de o bairro ser considerado um Corredor Cultural da Cidade considerando impacto desta nomeação no cotidiano. A esse procedimento denominou-se etnografia rua a rua.

Antes de chegar ao campo e iniciar a fase da etnografia rua-a-rua, o conhecimento que tinha até então sobre o bairro Benfica era de características que todos que por ali passam conseguem observar: um bairro que conta com a presença de campus da Universidade (UFC) e Instituto Federal do Ceará (IFCE), escolas, cursinhos. Em verdade, tornou-se um local considerado universitário e, mesmo sendo um corredor comercial, predomina um público de estudantes para quem são destinados os bares, restaurantes e diversas livrarias, mas, recentemente a presença do Shopping Benfica diversificou o público agregando famílias que também fazem uso de equipamentos como Estádio Presidente Vargas e praças conhecidas, como a João Gentil e Gentilândia, onde funcionam feiras e espaços de bazar. Essas foram características que realmente se confirmam na realização da pesquisa, porém a etnografia rua a rua identificou diversas outras, que serão discutidas a frente, e que também são formadoras da identidade do bairro.

A chegada ao campo para iniciar a realização do mapeamento, na perspectiva da etnografia rua a rua, se deu em 5 de dezembro. Fomos ao bairro munidos de um mapa das ruas da área delimitada pela pesquisa e durante dois meses, eu e Rosalvo Negreiros, também estudante de Ciências Sociais, traçávamos os trajetos que faríamos no dia, e com frequência pensávamos nas áreas a serem percorridas ao longo da semana. Tendo em vista que era preciso encaixar a realização da pesquisa com as disciplinas da

graduação, no período de férias a opção ideal era pela manhã, devido ao sol e movimento pelo bairro, mas com o retorno às aulas o horário disponível era a tarde, entre 13:00 e 17:00h.

Dependendo do horário as ruas apresentavam configurações diversas, pela manhã, entre 08:00 e 11:30h, era possível ver os comércios abrindo, pessoas varrendo a porta de casa, e os olhares de desconfiança e curiosidade, principalmente de pequenos comerciantes pelo receio de ser algum tipo de fiscalização, eram perceptíveis, afinal duas pessoas caminhando pela rua e anotando informações é natural despertar questionamentos. Algumas pessoas perguntavam, e nesse momentos explicava a ideia do corredor cultural de uma maneira não tão acadêmica, tendo em vista que no senso comum o termo “cultural” não é percebido em relação a hábitos e vivências, mas sim à refinamento e, por vezes, com um discurso de superioridade, o que não condizia com os objetivos do projeto.

Andar e registrar tudo o que se vê nas ruas do Benfica confirmou seu valor cultural, como por exemplo, a preservação de sua historicidade, característica constatada pela arquitetura de casas, prédios, vilas etc. Ao mesmo tempo que se percorria o bairro, era realizado estudo bibliográfico e documental sobre o local tendo como destaque uma obra intitulada **O Benfica de Ontem e de Hoje**, produzido por um morador que nasceu e cresceu no bairro, que ajudou a compreender alguns processos e histórias do bairro. O livro faz uma descrição com bastante propriedade das ruas, casas, instituições, ao mesmo tempo em que traz memórias da época.

Indo a campo percebi a importância da etnografia rua a rua ser realizada em dupla, cada um ficava responsável por registrar um lado da rua, a divisão se dava entre o lado ímpar e par, assim a descrição ficava mais simples de ser feita. Mesmo assim era necessário desenvolver estratégias para garantir a segurança durante a pesquisa, em certas ruas mais afastadas e com menor circulação de pessoas, enquanto um de nós anotava os equipamentos de seu respectivo lado, o outro se atentava à movimentação ao redor. Em determinados locais percebemos que não era indicado a entrada por não haver uma garantia de segurança, o que não comprometeu a dimensão da etnografia. Além dos equipamentos conhecidos pela maioria dos usuários do bairro, o Benfica abriga sedes de organizações políticas e estudantis, bem como sindicatos de diversas categorias, apresentando também um caráter político do local, bem como uma diversidade de instituições religiosas, entre paróquias, igrejas evangélicas, centros espíritas, entre outros.

- Metodologia

As ferramentas metodológicas utilizadas na pesquisa consistiram na etnografia rua-a-rua, teve o objetivo de mapear todos os equipamentos do bairro a partir de observação direta e discussão com a comunidade a título de complementação de locais não identificados ou registrados das ruas.

A Etnografia-rua-a-rua é uma ferramenta metodológica desenvolvida pelo Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Gestão Pública e Desenvolvimento Urbano – GPDU na realização de pesquisas nos bairros de Fortaleza, buscando descrever de forma minuciosa aspectos dos bairros pesquisados, tendo por base a ideia de uma descrição densa, mapeando o que havia nas ruas e vielas se utilizando do olhar etnográfico, que auxilia na observação do que não está posto visualmente, considerando que etnografia não é apenas observação, mas também uma atividade interpretativa (GEERTZ, 1978). Ousaria dizer que mais importante que o objetivo do registro e produção de dados para as pesquisas, essa ferramenta tem a competência de fomentar um novo olhar da população sobre seu bairro, tal como descrito na obra **Fortaleza e Suas Tramas: Olhares sobre a Cidade**, que relata a criação, experiências, e resultados da utilização deste instrumento metodológico:

A etnografia rua a rua atualiza os mapas dos bairros estudados e conduz a população a discutir o espaço, suas fronteiras e especificidades, fortalecendo um sentimento de pertença, muitas vezes não reconhecido oficialmente. (FIÚZA et al, 2008, p.42).

Este procedimento metodológico foi fundamental para a pesquisa no Benfica. A Etnografia rua a rua foi acrescida de um estudo amostral com usuários do Benfica, em busca de traçar o perfil de transeuntes e perceber usos e significados que os mesmos dão a esses espaços. Por fim, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com “personalidades” do bairro, para identificar suas opiniões e as percepções sobre o projeto Corredor Cultural, pensado para o bairro pela Prefeitura de Fortaleza em conjunto com a Universidade Federal do Ceará.

O Centro de Humanidades da Universidade Federal nos serviu como ponto de apoio durante a atividade de campo, era o local onde delimitávamos no mapa impresso as ruas que seriam percorridas no dia, organizávamos as pranchetas com fichas de preenchimento e partíamos. O uso do mapa impresso era importante pois era a maneira como poderíamos conferir as delimitações e nomeações que os dados oficiais traziam, e se necessário (re) definir alguma outra informação, como foi o caso de algumas ruas que tinham divergências de nomeação entre o mapa e a placa do logradouro. Com o mapa em

mãos havia a possibilidade de redesenhar essas características, e saber *a priori* a extensão da rua, se existiam vilas, becos, e assim montar um cronograma de percurso.

O estudo amostral foi realizado através da aplicação de questionários em pontos de referência do bairro, foram delimitados quatro desses trechos. Participei da aplicação no período de 02/02/2017 a 08/02/2017, essa fase da pesquisa era desenvolvida de forma individual contando com cinco pesquisadores. Cada pesquisador de campo tinha uma quantidade de questionários a aplicar. Não estando mais em dupla surge a necessidade de desenvolver estratégias de abordagem, afinal na maioria das vezes as pessoas estavam se deslocando e fazê-las entender de forma rápida o objetivo da pesquisa e assim incentivar sua contribuição foi inicialmente difícil, porém com a prática se tornou simples e eficaz. Depois de aplicar os primeiros questionários foram recorrentes as demonstrações de certo afeto e apropriação que as pessoas têm pelo Benfica, seja pelo que o bairro oferece, seja por sua estrutura, ou história. A partir dessa experiência, percebi que a abordagem adequada para que transeuntes se sentissem instigados a participar, seria identificar de maneira simples, porém consistente, que a pesquisa era sobre o bairro e seus equipamentos. Assim a reação não era mais a de ter seu trajeto interrompido, mas sim de ter voz para prestar uma contribuição sobre suas vivências no bairro, avaliando serviços públicos como segurança, acessibilidade, e relatar o que conheciam e utilizavam daquele espaço. Essa fase do projeto, realizando esse estudo amostral, foi importante para a compreensão das (re) significações dadas ao bairro, tanto por moradores ou sujeitos que o vivenciam cotidianamente, frequentando a universidade ou trabalhando, quanto por transeuntes que estavam de passagem, mas que costumavam ter observações a fazer sobre o Benfica.

Para a pesquisa qualitativa, foram listados durante reuniões da equipe ‘figuras’ consideradas importantes para a construção de uma identidade do local, entre proprietários de estabelecimentos com longo tempo de funcionamento, alguns já fechados outros ainda ativos; artistas, funcionários da universidade e moradores antigos reconhecidos por sua relação com o bairro. As entrevistas foram divididas entre a equipe e cada um entrou em contato com seus respectivos entrevistados. Essa fase da pesquisa foi bem interessante, levando em conta que uma das características que formam o reconhecimento que o Benfica tem atualmente é, como já mencionado, sua historicidade. Ter contato com a visão de pessoas que viveram e construíram essa história foi importante tanto para a

pesquisa, quanto para mim na experiência da primeira pesquisa de campo. Entrevistei três proprietários de bares, ambos atuaram no bairro por uma média de 30 anos e são moradores da região, logo viveram a formação e consolidação do Benfica no que ele é hoje, assim como desenvolveram laços não apenas com pessoas que por ali passaram, mas com o bairro em si.

O momento final do projeto foi a reunião com a comunidade local, contando com a presença de moradores, comerciantes, funcionários da Universidade e empreendedores atuais do bairro, para apresentar resultados da pesquisa e abrir espaço para complementações e discussões acerca do que foi obtido.

- Resultados e Discussão

Os resultados do Corredor Cultural se dividem nas fases da pesquisa, e trouxeram aspectos interessantes a se pensar sobre o bairro e debater com a comunidade. Na execução da etnografia rua a rua foram percorridos 54 ruas, 7 avenidas, 4 vilas e 1 travessa, mapeando equipamentos e os categorizando de acordo com a função desempenhada.

Quadro 1, categorias mapeadas:

Nº	
1	Assistência Técnica e Equipamentos (75)
2	Associações e Entidades de Classe (24)
3	Bares e Clubes e Motel (50)
4	Borracharia / Posto de Combustível e Lava Jato (7)
5	Comércio de alimentos e bebidas (34)
6	Construção e Decoração (10)
7	Cosmética e Estética (59)
8	Cultura (26)
9	Educação (67)
10	Equipamentos Políticos (9)
11	Esporte (19)
12	Funerária / Hotel e Cômodos para Alugar / Imobiliária (18)
13	Gelato e Panificação (20)
14	Imóvel Antigo (60)
15	Informalidade (74)
16	Informática e Serviços Gráficos (65)
17	Instituição Privada (16)
18	Instituições Públicas (26)
19	Lanchonete (52)
20	Livraria e Papelarias (22)
21	ONGS / Centros Comunitários (2)
22	Ponto Comercial (157)
23	Profissionais Autônomos (31)
24	Religião / Espiritualidade (24)
25	Restaurantes e Pizzarias (39)
26	Saúde (47)
27	Terrenos e Galpões (46)
28	Variedades e Outros comércios e Serviços (49)
29	Venda e Reparo de veículos (139)

Fonte: Apresentação Projeto Corredor Cultural do Benfica.

Essas categorias foram registradas de forma detalhada em um mapa online e interativo no programa Google Maps, onde de acordo com a

categoria se tem acesso aos locais e seus respectivos endereços. Importante ressaltar que não eram observados apenas estabelecimentos formais, atividades informais como flanelinhas, malabaristas que trabalham nos semáforos, dentre outros também eram registrados.

O estudo amostral apresentou o perfil dos usuários do bairro, tendo como maioria dos transeuntes, jovens de até 30 anos de idade (66,4%), predominantemente solteiros (77,1%) com nível de escolaridade universitário (42,4%). O questionário abordava também questões referente à religião, onde (41,9%) da população de usuários se declarava agnósticos, seguidos por (33,3%) de católicos e (12,5%) de protestantes. A maioria se autodeclaravam pardos (54,2%) seguida por brancos (25,8%) e negros (17,6%) ressaltando-se um percentual de (11,5%) de usuários que não quiseram declarar sua etnia. Durante a aplicação o momento de pergunta de auto declaração de etnia inconscientemente criava um certo constrangimento, era perceptível o susto pela pergunta, a relativa demora para responder e em alguns casos uma certa irritação que resultava na opção de não responder à questão. Além de o perfil dos transeuntes essa fase da pesquisa colheu dados acerca da frequência de uso dos equipamentos e relação com o bairro, onde os mais conhecidos foram O Shopping Benfica (95,4%); As Praças da Gentilândia (79,6%) e João Gentil (72,9%); entre outros equipamentos bastante mencionados pelo público jovem como bares, boates, lanchonetes, livrarias e bibliotecas. Sobre a relação com a região o estudo aponta o que já se pensava sobre a multiplicidade de motivos para a ocupação do bairro:

Tabela 1, porcentagem de relação com o bairro.

Relação com o Bairro	Percentual
Estuda	50,40
Lazer	69,60
Visita de familiares e/ou amigos	33,60
Trabalha	32,90
Reside no bairro	16,80
Compras e uso de serviços	63,90
Outros	6,40

Fonte: Apresentação Corredor Cultural do Benfica.

A fama boêmia e cultural do Benfica se confirma em relação ao lazer, estando contido não apenas a presença dos usuários nos bares e estabelecimentos, mas também em festas promovidas como blocos de carnaval, maracatu e apresentações realizadas na Concha Acústica da UFC. É inegável o caráter comercial que o bairro tem, por sua diversidade de serviços oferecidos, tanto privados, como pela presença de órgãos públicos. Durante a aplicação era recorrente nas falas, pessoas que iam ao Benfica para resolver pendências, mas acabavam utilizando o shopping ou algum outro serviço da região. A presença da universidade e outras instituições de ensino como escolas e cursinhos realmente movimentam a localidade em diferentes aspectos: comercialmente, quando proporciona a utilização de serviços, um bom exemplo são as empresas de serviços gráficos espalhadas pelos arredores; no crescimento habitacional do bairro quando atrai estudantes, muitas vezes intercambistas, para fixar moradia; e, na movimentação da região em si, atraindo público para as atividades de lazer.

Mesmo com toda a movimentação e quantidade de equipamentos, ainda é possível encontrar ruas completamente residenciais, bem arborizadas e que preservam um certo estilo art décor do bairro de outrora. Por vezes ao pensar em casas no Benfica vem à mente casas grandes e tradicionais com ruas asfaltadas e saneamento básico, caminhando por determinados trechos, seja próximo ao canal ou seguindo em direção ao centro da cidade, também se encontram residências mais simples, com ruas sem manutenção e esgoto à céu aberto. São contrastes que se percebem ao percorrer o bairro em sua completude ou em lugares específicos, já que a maioria das ruas conseguem manter um certo padrão estrutural.

Nas entrevistas com personalidades do bairro, mais especificamente com os três comerciantes e moradores com quem pude conversar, o respeito pelo bairro é uma característica comum, porém algumas percepções diferentes foram realçadas. Na primeira entrevista, Sr. João, dono do tradicional Bar do João, trouxe questões que fazem pensar sobre a relação dos moradores e frequentadores mais antigos do bairro com os usos atualmente. Para ele a violência mudou a relação dos moradores com as praças e ruas, pois, segundo ele: *“não presta mais”*. Outro aspecto interessante é o envolvimento do mesmo com a realização dos carnavais do Benfica por meio de ações pensadas junto à Associação Cultural Carne Seca, manifestação cultural elogiada por Seu João. De qualquer forma a ideia do corredor cultural foi considerada positiva, pois além da ideia de que essa abordagem

poderia ajudar na diminuição da insegurança no bairro, traria maior visibilidade para essa problemática, além disso afirma que *“cultura em todo canto é cabível”*.

Já por Senhor Ventura, proprietário do já fechado Bar do Ventura, que funcionou por 43 anos, o aspecto mais ressaltado foi realmente as qualidades do bairro e de ter trabalhado ali; segundo ele por ser uma área central e com grande passagem de pessoas, pela presença da Universidade e o público que ela traz, provocando assim uma fidelização da freguesia e cultivo de amizades de longas datas que ele apresenta em fotos e histórias. Quando indagado a fazer críticas ou mencionar desvantagens, repetiu que da área não tinha o que reclamar, e que o Corredor Cultural ajudaria no crescimento do bairro, que o mesmo já considera uma potência.

Ao conhecer o Sr. Andrade e a história do bar, herdado de seu irmão, assumido por ele após seu falecimento se percebe os laços criados no Benfica, o bar não existe mais enquanto comércio aberto ao público, mas sim como uma adega montada com a colaboração de amigos que frequentavam o antigo estabelecimento e onde ocorrem encontros e confraternizações anuais. O espaço é repleto de fotos desses momentos e marcou gerações de estudantes universitários, que ainda retornam ao local.

Venha aqui pra você ver, quando existia lá todo mês de dezembro a gente fazia uma confraternização, todo mês de dezembro, então começou lá em 1981, o último foi em 2016, todo dezembro nós fazemos essa confraternização. Então ai existe todos os amigos, professores, alunos, filhos, sempre tem a confraternização. (Sr. Andrade)

Sobre o bairro relatou não ter do que reclamar, acompanhou o trabalho do irmão que também atuou ali, diz não ver desvantagens. Apesar de gostar da ideia do projeto, afirma que o Benfica sempre foi um corredor cultural.

No momento final durante a reunião com a comunidade local, algumas opiniões e percepções sobre os resultados foram colocadas, mas um dos que se destacam é a importância de discutir os desdobramentos desse projeto com a comunidade de forma mais ampla, garantindo a realização do projeto de maneira completa. Outra discussão dos participante se concentrou no papel da Universidade Federal do Ceará, proprietária de grande parte de edificações no local, deveria assumir mais ações conjuntas com os moradores.

- Conclusões

Essa primeira parte do projeto Corredor Cultural do Benfica foi importante tanto pelo seu trabalho de mapeamento, quanto por me proporcionar o exercício do olhar sociológico advertido por Bourdieu (1979) e por abrir espaço para observações de usuários que transitam pelo bairro e moradores que ali vivem a mais tempo. Ao caminhar pelas ruas do Benfica me deparava com o contraste entre o antigo e o moderno, observando a construção dos que ali moram a mais tempo e o pertencimento dos mais jovens com o que o bairro tem a oferecer; são encontros geracionais que por vezes geram conflitos, mas que parecem se adaptar diariamente. Com a aplicação dos questionários ouvi observações de estudantes preocupados com o impacto que a nomeação do bairro como corredor cultural traria para o estilo de vida dos moradores mais velhos; ao mesmo tempo que ouvi moradores falando da importância dos eventos culturais que afirmavam animar e trazer movimento para a localidade e os jovens que ali frequentam. Essa interação me proporcionou uma experiência da escuta e ao mesmo tempo de reflexão sobre a realidade que tentava me aproximar como pesquisadora.

Atuar nessa pesquisa foi uma oportunidade de ter contato com um conjunto de métodos e técnicas que talvez apenas futuramente tivesse chances de colocar em prática; sair a campo, aplicar questionários, entrevistar pessoas, o resultado são ensinamentos que só a vivência traz. Para além de uma experiência de pesquisa, foi a oportunidade de ultrapassar um pouco os muros da universidade, mudar percepções que tinha do bairro, e desenvolver de forma prática o olhar sociológico.

- Referências Bibliográficas

- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- FIÚZA, Elizabeth et al. **Fortaleza e Suas Tramas: Olhares sobre a Cidade**. Fortaleza: EdUECE, 2008.
- BARROSO, Francisco. **O Benfica de Ontem e de Hoje**. Fortaleza, 2004.